

Na Pista de Nossos Medos

Marco Vinício Pereira do Espírito Santo¹

Resumo: O presente artigo pretende abordar os medos da população do ocidente europeu no ano mil e séculos precedentes. Teremos como referencia a obra do medievalista George Duby (1919-1996), historiador francês especialista em idade média. Como método, usaremos a análise e a Pesquisa diretamente nas obras dos autores George Duby e Jacques Le Goff.

Pretendemos analisar os textos dos dois historiadores no que se refere a civilização medieval do ano mil e compará-la com o final do século XX e início do século XXI. Tal trabalho pretende mostrar que a civilização medieval já continha muitos dos medos que nos acompanham e muitas das questões que ainda hoje buscamos respostas. O sentimento de medo permeia a história humana, conduz a crenças, que se desenvolvem no seio da população. Buscaremos resposta às seguintes questões;

A) Quais terão sido os medos que estiveram presentes nas vidas das populações do ano (1000) mil?

B) E quanto a nós, homens e mulheres do século XXI, teremos algum temor semelhante aos da civilização do ocidente medieval no ano (1000) mil?

Concluimos que no paralelo entre a população do ano 1000 (mil) e do ano 2000 (dois mil), George Duby resgata os anseios medievais no seio de uma cultura hierarquizada e carente de recursos e meios de produção. Se, a primeiro plano nos parece distante tal comparação, logo compreendemos a originalidade medieval em muitos dos medos que a população atual enfrenta e que são tão comuns no imaginário dos povos do século XXI.

Palavras-chaves: Medo, Idade média, Modernidade, Camponês, Cristianismo.

(...) uns oram, outros combatem e outros labutam (...) (Duby, 1994, p.52).

É com o trabalho do camponês medieval, que se sustentam os homens da igreja e os homens de guerra. As ferramentas de que dispõem são precárias, a maioria de madeira e a sua produção resume-se, em épocas fartas, a colher dois grãos pra cada um que é semeado. Se o excedente da produção destina-se aos senhores da Igreja e do exército, cabe ao camponês alimentar-se com o pouco que lhes resta. É aqui neste meio de escassa produção, de domínio senhorial, que nasce o medo da miséria. É preciso adaptar-se para sobreviver e do medo da miséria nasce e se fortalece os laços de solidariedade. O pouco que sobra ao camponês, após ser tomado o excedente, deverá saciar a sua fome e de seus familiares.

Embora fossem tempos difíceis, a solidão era impensável, com exceção dos eremitas que eram considerados santos. O andante solitário era tido como louco ou criminoso. Nas choupanas onde viviam os camponeses, não havia divisões e dormiam próximos uns aos outros, esses laços de solidariedade para com o próximo fortalecem o homem do ano mil, a religiosidade forte, ensinava a suportar as privações do corpo em prol dos benefícios do espírito, é nessa proximidade entre as pessoas que se desenvolve a capacidade de colocar-se no lugar do outro, proporcionar conforto àquele que está próximo, é a união pra enfrentar a vida, as privações e as provações de que falam os clérigos. Maior que o a dor da privação é o medo da falta, o medo da miséria.

No início do século XI a economia do ocidente Europeu começa a crescer, isso se deve a estrutura familiar que é reformulada pela igreja, prega-se a monogamia e exogamia, que tornam-se valores importantes ao dogma cristão, proporcionando um ambiente estável que será favorável educação e a proteção aos filhos, aliado a este fator soma-se o desenvolvimento das ferrarias, que faz com que o ferro comesse a substituir os utensílios de madeira, o que proporciona um melhor domínio das terras e o conseqüente aumento da produção.

Este crescimento da produção agrícola, com base nas melhores técnicas de cultivo e na melhor organização do núcleo familiar vai criar um ambiente favorável a um aumento da taxa de natalidade. O núcleo familiar não comporta muitos membros e logo os jovens por volta dos quinze, vinte anos de idade tem dois caminhos a seguir; desmatam para dar início as suas terras cultiváveis ou migram para as cidades em busca de trabalho.

Os que migram para os centros urbanos encontram lá poucas possibilidades de emprego. Essas poucas vagas são encontradas junto aos tecelões, tintureiros, curtidores, carpinteiros, vidraceiros e pedreiros. As poucas ofertas de trabalho são logo preenchidas aos outros restam às margens das cidades, com eles surgem as periferias medievais, onde miséria era constante, mas o pior para os que partem em busca das cidades é que a miséria os encontra agora distantes dos laços de solidariedade de suas famílias.

O crescimento das cidades inspira mudanças e reformas. A miséria e a doenças nas periferias inspiram o surgimento das ordens medicantes. Os medicantes não são monges, mas irmãos que vivem entre os homens e não na solidão. No início apontados como hereges, os medicantes “reformam” o cristianismo para enfrentar os novos tempos. A solidariedade agora precisava ser reforçada, surgem as santas casas, os albergues, a antiga malha da solidariedade agora é refeita nos novos bairros periféricos.

Distante da família o imigrante necessita de auxilio, pois se lhes falta trabalho a fome chega e logo a velhice e a doença. Os primeiros mendicantes chegam em 1230, Francisco de Assis, o amante das populações, instala-se junto a elas. Ele chega a seu socorro. Já os Dominicanos viam na efervescência da cidade um antro de pecados e perdições e queriam convertê-la.

As novas ordens procuram os centros urbanos devido ao grande movimento de urbanização que se inicia no século XI e abarcará nos séculos XII e XIII grande parte da Europa. Um novo mundo urbano se afirma através de novos valores e de comportamentos, do

gosto pelas trocas, sejam elas comerciais ou intelectuais, do preço do trabalho, do tempo e do dinheiro.

“A palavra que está na moda e *universitas* que designa um conjunto de cidadãos da cidade, dos homens de um ofício e, nomeadamente, do novo ofício intelectual que aparece nas escolas urbanas” (LE GOFF; JACQUES, 1994, p.228).

O medo do outro

O cristão, com um modo de vida sedentário de um lado, de outro o diferente, com uma cultura alheia as crenças cristãs, venerando outros deuses, alguns a exemplo dos ciganos eram nômades. Os vikings, normandos, húngaros e os mouros vinham em busca de riquezas saqueavam templos, monastérios estabeleciam-se a beira dos rios navegáveis, onde revezavam os saques e o comércio. Eles são “os outros”, os que invadem, saqueiam, que não se prostram diante da cruz, falam línguas “estranhas”, são saqueadores selvagens.

A jovem Europa cresce estabelecendo suas fronteiras, os *outros* acabam assim por contribuir, a exemplo dos Normandos que queriam participar da cultura, da civilização a qual se instalavam. E se eles revezam tempos de saques e tempos de comércio, precisam estabelecer redes de compra e venda pela Europa. As moedas correntes provem dos saques que realizam, fazendo entrar em circulação os tesouros da igreja, o que estimula o crescimento econômico.

O batismo é a única forma de perder o *status* de outro e pertencer ao grupo cristão, assim o batismo torna-se um ato político, a exemplo de Rollon, um chefe Normando que ao se submeter este ritual fez com que todos os seus homens também mergulhassem nas águas, tornando-se cristãos.

Os infiéis são os outros, aqueles que a população teme e para com eles há dois caminhos, a conversão ou a morte, mas aquele que causa temor nem sempre vem de longe, muitas vezes está no mesmo território, torna-se diferente por que vive sob influencia de culturas diferentes, e mesmo as vestimentas já são suficientes para torna-los “diferentes” e para com eles cabe a intolerância.

O pagão, o Judeu, estes estrangeiros estes infiéis é preciso convertê-los ou, então, destruí-los por que o reino de Deus deve implantar-se sobre a terra e ele só se estabelecerá quando toda humanidade for convertida ao cristianismo. Era o que dizia São Luís, esse modelo de santidade. Quando lhe perguntavam: Não se pode discutir com os muçulmanos, com os Judeus? ele respondia: “Com essa gente há apenas um argumento: a espada. É preciso enfiá-la no seu ventre! (DUBY, 1999, P.63)

Os Judeus já viviam no ocidente europeu, mas eram comerciantes negociadores que praticavam empréstimos a juros, eram assim *os outros*, os que sugavam o sangue do povo, eram apontados como bodes expiatórios quando do surgimento de pestes, já no século XIII eram obrigados a distinguir-se por suas vestimentas e deveriam usar uma insígnia de identificação. A estagnação não existe no continente Europeu durante a idade média, o ocidente se movimenta, as culturas se chocam a chegada de comerciantes e negociadores é constante é a Europa em formação. Pouco a pouco os povos conhecem-se e respeitam-se, a intolerância começa a dar lugar a tolerância para com o outro:

Em suas memórias um senhor muçulmano da Síria dizia: “os Francos não são tão maus assim, evidentemente eles tem seus costumes: por exemplo, levam sua mulher a os banhos turcos; isso não é conveniente, mas definitivamente, são pessoas de bem, tem seu senso de honra. (DUBY, 1999, P.66)

Entre a cristandade que não era fanática o pensamento era o mesmo, começava-se a reconhecer o outro com seus valores, seus costumes e não somente como alguém a ser convertido ou destruído. Era a Europa a crescer, a se expandir, a dominar e nutrir-se dos

diferentes. Os invasores se sedentizam e contribuem com seu trabalho e sua cultura para o desenvolvimento.

O medo da epidemia

Na idade média o leproso era visto como sendo o devorado pelo ardor sexual, o pervertido que deveria ser isolado pra expurgar seus pecados. No século XIV é a peste negra que ceifa milhares de vidas, as suas causas são desconhecidas, busca-se a um bode expiatório, encontram o Judeu que passa a ser acusado de envenenar os poços, se desconhecem as verdadeiras causas da doença.

O comércio, as peregrinações rumo a terra santa movimentam a Europa e a epidemia se alastra. Aquele que vem de longe é sempre suspeito, e as cidades se enclausuram, se fecham, a peste negra ceifa um em cada três cidadãos Europeus. A medicina da época desconhece os a origem da doença, cabe então a oração para expurgar do mundo os pecados. Algo sobrenatural ronda as cidades. As relíquias dos santos ficam sob vigília, em alguns casos seus ossos são retirados das criptas e levados em procissões pelas ruas.

O medo da violência

Antes do surgimento da paz e da trégua de Deus, as guerras entre Estados ainda eram desconhecidas, estas só serão praticadas no século XIII, quando o desenvolvimento das regiões menores as conduz a melhorias significativas, até atingirem o ponto propicio de lutar para expandir seus domínios territoriais.

Se não havia um inimigo externo definido, as “hordas” de soldados compostas por jovens nobres saqueavam populações inteiras. Por volta do ano mil os camponeses viviam o temor dos saques, da violência dos soldados que somente será aplacada com a trégua de Deus e a paz de Deus que são instituídas pela igreja.

“Que nenhum cristão mate outro cristão”, esta foi a palavra de ordem do Bispo de Narbona, lançada em 1054, que serviu para estimular ainda mais a implantação da Paz de Deus. Essa norma estipula que não será permitido aos cristãos atacarem populações civis enquanto que a trégua de Deus defende que em algumas datas a guerra deve ser cessada em virtude de serem datas cristãs.

“podereis matar-vos entre vós, mas não mais deveis doravante brigar nos arredores das igrejas, locais de asilos onde qualquer um pode refugiar-se. Não podereis brigar em determinados dias da semana, em memória a paixão de cristo. Nada de guerra na sexta-feira, portanto nem no domingo, além disso, não deveis atacar as mulheres, não as nobres, em todo caso, nem os comerciantes, os padres e os monges.” (DUBY, 1999, P.102)

A trégua de Deus reflete a preocupação em criar obstáculos para que a violência seja reduzida. Fixaram-se períodos de trégua, onde todos deveriam comprometer-se a não erguer as armas. Assim, convencionou-se que durante as grandes festas religiosas a exemplo da Páscoa e do Natal, ou nas romarias em direção a terra santa ou aos relicários venerados, estabelecia-se uma trégua, a trégua de Deus. Buscou-se também fixar três dias da semana, a partir da quarta-feira, nos quais não se combateria.

Com isso, os ímpetos guerreiros são convertidos em força unicamente militar, suprime-se as guerras internas e volta-se a forças de combate para a parte externa. Segundo Duby é nestas normas estipuladas pela igreja que reside o embrião do cavaleiro cruzado do século XI.

Os marginais, cavaleiros andantes que se colocavam a serviço de todos os tipos de causa e que contribuía, em seu afã de feitos, para a desordem geral rondavam e saqueavam as populações camponesas, tornam-se mercenários e vão lutar ao lado dos príncipes em suas

conquistas, no entanto é nos períodos de paz que as populações temem a violência dos homens da guerra, pois a aventura destes homens jovens era o saque, o ataque, já que neste tempo a diversão era a guerra. Enquanto que o ímpeto guerreiro não esteve atrelado a poderes políticos o medo da violência o fez parte da vida do homem medieval.

As forças de controle exercidas sobre o ímpeto de violência medieval é exercida primeiramente pela igreja, à paz e a trégua de Deus soma-se o rito da sagração dos reis, o que os torna representantes de Deus na terra, assim cabe a ele estabelecer a justiça e garantir a paz, protegendo a igreja e seu povo contra violência em seus domínios.

O ato de postar a espada no altar e de imbuir o cavaleiro da tarefa de ajudar deus a manter a paz, cria, pelo menos entre os cristãos, um ambiente mais propício ao desenvolvimento. O ímpeto guerreiro agora possui um inimigo definido, a guerra continua, mas o camponês alcança um ambiente mais favorável ao seu trabalho.

A violência no medievo também se estendia as punições por atos cometidos por bandidos ou crimes sexuais. Não era comum a pena de morte, mas quando era aplicada era preciso derramar o sangue do perverso, e de preferencia que muitos estivessem assistindo. A violência contra a mulher dependia da vontade de seu marido que podia submetê-la a seus castigos, inclusive a pena de morte em caso de adultério.

O medo do além

O medo do além sempre esteve presente no imaginário medieval. Neste período ninguém duvidava da existência de outro mundo, de uma continuação da vida, o sobre natural se fazia tão presente quanto o natural. O medo dos castigos do inferno era grande. As imagens sacras lembravam a todo instante a grandeza do castigo aos pecadores e das bênçãos aos mercedores no mundo pós-morte.

Ainda não estava difundido entre os homens daquela época a idéia do Purgatório que, segundo Jacques Le Goff, só consolidou-se mais tarde, a partir do século XIII. Havia o medo do que estava por vir, do castigo é o pânico do inferno que faz com que a igreja institua o purgatório, como um local intermediário que há a possibilidade de redenção dos pecados, criando assim uma terceira possibilidade assim, além do paraíso e do inferno agora tem-se o purgatório e ele é instituído quando os movimentos comerciais de trocas e negociações são intensas, o que nos permite crer que assim se possibilita pensar a possibilidade de “negociar” com deus.

O outro mundo era preocupação constante e fazia da morte um ritual de solidariedade ao corpo do falecido. Ocorriam ritos de passagem que reuniam familiares e evolvia tempo de preparação. Os rituais religiosos iniciavam antes da morte, era quando o indivíduo despojava-se dos seus pertences e arrendia-se dos seus pecados.

Conclusão

Concluimos que os medos da população do ano mil tais como; medo da miséria, medo do outro, medo das epidemias, medo da violência, e do além. Não são tão distantes da população mundial do século XX e XXI. O medo da miséria durante a primeira e segunda guerra mundial atormentou os povos da Europa e do mundo, além de regiões que até hoje padecem.

O medo do outro se faz presente ao olharmos para os problemas da imigração dos países subdesenvolvidos aos países desenvolvidos. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), mais de 43,7 milhões de pessoas atualmente fogem de seus países de origem, o maior número registrado em 15 anos, dos quais mais de 15 milhões são refugiados. Na

modernidade a velha Europa se entrincheira atrás de suas fronteiras, o outro agora é o latino, o africano.

Quanto ao medo das doenças, em 1980 uma epidemia se alastra, suas causas são desconhecidas, ela se alastra pelo mundo, a morte é rápida, o corpo enfraquece e morre. Uma doença mortal, com sintomas e formas de contágio incertas, assim a AIDS se apresenta nos anos 80. O testemunho público de artistas doentes foi o começo da divulgação da enfermidade. Como os primeiros casos foram detectados em homossexuais, estava criada a relação direta da AIDS com esse grupo social.

A similaridade entre o medieval e nossos dias está especialmente no que diz respeito à caça a um grupo específico para ser culpado pelo desastre. Quando falamos do medo da violência, não nos é difícil encontrar similaridades. A violência ronda o mundo em nosso século, as atividades terroristas, as guerras, o medo da morte violenta ronda as grandes cidades do século XX e XXI.

No século XIX a guerra fria colocou a população em alerta o fim poderia estar próximo, desconhecia-se o verdadeiro potencial das armas de destruição em massa, o mundo temia. O que mais nos distingue é a forma como encaramos nossos medos. A população do ano mil estava certa da continuação de sua existência após a morte.

A ciência moderna mostrou outros horizontes, e a crença em deus foi abalada o que faz com que hoje os medos sejam mais intensos, pois a maioria das pessoas não veem a morte como uma passagem a um outro mundo, a uma outra forma de vida como era no medieval, mas sim o fim, um vazio deixado pela quebra da espiritualidade.

Referências Bibliográficas:

DUBY, George. *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos*. 1ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. *Monges e religiosos na idade média*. 1ª ed. Lisboa-Portugal: Ed. terramar, 1994.

DUBY, George. *AS TRÊS ORDENS ou o Imaginário do Feudalismo*. 2ª ed. Lisboa-Portugal: Ed. estampa 1994.

¹ Graduando em História e Filosofia na universidade federal de pelotas.